

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 21 de Setembro de 1856.

N. 4.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

IV.

DESESEIS DE SETEMBRO.

Portugal ficára orphão.

O dobre luctuoso dos sinos, o ribombar dos canhões, e as quinas envolvidas no crepe de dó, annunciavam que a mãe commum dos Portuguezes, D. Maria II. — a virtuosa, deixára de existir!

O sentimento que acompanhou tão lamentavel successo foi immenso!

As orações e preces de tantos filhos elevaram-se até Deos, e o pranto vertido patenteava o quanto havia de solemne e magestoso n'esse tributo intimo que as circumstancias forçavam a pagar!

Eu o mais modesto d'entre esses orphãos, eu que a duas mil e tantas legoas da patria, não podia associar-me a essas demonstrações peniveis, eu que desejava tomar parte no cortejo funebre, por que a Rainha hia ali, adornada de duplices corôas, paguei tambem o meu tributo respeitoso, guardando comigo o sentimento que o dominava.

E' porque a mão do tempo encarregára-se de imprimir em mim essa dedicação intima, esse amor devotado que os Portuguezes soem consagrar aos seus Monarchas. E' porque a Rainha symbolisava a liberdade.

Joven, admirei os heroicos esforços d'esses homens que se prestaram do coração a sacrificar-se por ella, derramando o melhor do seu sangue, e vendo por toda a parte vestigios indeleveis d'essa luta d'alguns annos, disse comigo:

Respeitemos estes traços; e chamemos ao coração os mesmos sentimentos com que foram impressos.

E com o coração trasbordando de prazer prometti consagrar-lhes os poucos e obscuros pensamentos que elles me inspirassem.

Cumpri a minha promessa, e hoje que um grande acontecimento me vem recordar a origem d'ella, eis-me de novo ao lado de meus irmãos prompto a saudar com enthusiasmo o primeiro dia da nação Portugueza — da minha saudosa e querida patria!

Salve pois!

Tu és a estrella brilhante que reflecte no coração de todos os Portuguezes!

A aureola que te rodêa illumina a fronte do joven Monarcha que cinge a corôa de Affonso Henriques!

Surgiste bella e radiante no meio das acclamações entusiasticas de seis milhões de pessoas!

Salve pois oh! grande dia! . . .

E' hoje o anniversario natalicio de S. M. o senhor D. Pedro V.

Ha um anno que o nosso Monarcha empunha o sceptro de D. João I. e D. Manoel, e em tão pouco espaço temos podido admirar as grandiosas qualidades que adornam o filho da senhora D. Maria II. de saudosa memoria.

O Reino gosa de uma paz que os *vai-vens* dos partidos não tem podido alterar.

Os melhoramentos materiaes progridem a olhos vistos, e a confiança reina entre todos os portuguezes; tudo nos induz a crer que se aproxima o momento em que Portugal se levante altivo, como outr'ora.

Nada de dissensões intestinas. O throno acolhe com benignidade todas as opiniões, e o amalgama das côres politicas da nação—transforma-se em uma só, em um unico pensamento—a prosperidade.

Longe e bem longe a reproducção d'essas guerras civis que tem flagellado aquelle torrão abençoado pela mão do Creador.

Longe e bem longe os dias tempestuosos que toldavam o bello horisonte da minha patria, longe emfim as scenas de desolação que tanto tem enfraquecido essa terra, que já foi sufficientemente grande para dominar em todos os angulos do universo!!

Dezeseis de Setembro, eu te saúdo, e saudando-te recebo os meus votos—Rei e Portugal!....
Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Lourenço, como todos os malvados, contava d'antemão com o bom resultado do seu infame proceder. Era preciso que o diabo viesse em seu auxilio para affastar de sobre si o risco a que se expunha, atravessando em pleno dia os vastos campos que rodeavam a casa de Martha.

Havia porém n'elle essa coragem de saltador que não olha ao perigo quando o procura; ao mesmo tempo tivera a lembrança de tomar uma estrada apposta aquella que conduzia aos lugares em que Luisa seria reconhecida.

Esta não accordara ainda do seu lethargo, mas o movimento, um vento fresco que corria do Norte reanimou-a um tanto, e despertou-a por fim. Era-lhe impossivel bradar por soccorro, o que nada importaria, porque a entrada estrada longe das primeiras casas que rodeam a Fulgosa, e a hora não permittia a passagem de pessoa alguma por ella.

Lourenço penetrára em uma pequena matta que ha a meia legua da villa.

A noite aproximava-se, o sol escondia-se no horisonte, e os passarinhos começavam a entoar seus cantos de despedida ao rei dos astros.

O coração do infame batia com violencia... seus labios estremeciam de desejos, e seus olhos fictaram-se com paixão no pallido semblante de Luisa e beijou-a com paixão.

Esta sentio o ferro em brasa que lhe imprimiam, e fazendo um violento esforço conseguiu dar um grito rouco e angustiado.

Parecerá incrível, mas eu fallo pela propria confissão da desgraçada, começou entre os dous uma luta desesperada.

Na mulher bradavam os sentimentos de pudor e repugnancia, no homem a luxuria mais revoltante que é possível conceber-se.

Durante esta luta de meia hora, Luisa soffreu muito.

O carrasco enebriava-se em desfolhar aquella flor mimosa e brilhante, aspirando com avidez o perfume que recendia d'ella.

E a infeliz menina, livre já dos laços que lhe impediam a falla implorou, pediu com essa entoação de voz pugnente que desperta o sentimento

nos corações mais empedernidos, mas nada conseguindo ergueu os olhos ao céo, e pediu... Deos sabe o que!

Era noite fechada, a lua espargia palidos e fracos rayos por sobre a matta, o silencio reinava n'ella, e a brisa impellia para longe os magoados suspiros que o interrompiam.

Lourenço apeara-se, depoz Luisa perto de um grande pinheiro, e ordenou aos seus acolytos que pesquisassem por todos os lados para que ninguém viesse sorprendel-o.

A expressão da sua phisionomia era feroz; a joven lançava olhares vagos em torno de si, parecia ter perdido as faculdades intellectuaes.

Causava dó.

A luta que sustentára, poucos minutos antes, fora tão violenta, que parte do seu vestido estava rasgado. Mas o que era uma fraca mulher para um homem como Lourenço, e de mais a mais dominado por ardentes desejos?! Teria de succumbir, mas como, meu Deos!

E' aqui que a minha penna receia proseguir.... a infamia do malvado inspira-me um tal horror, que se eu não tivesse assistido ao passamento da victima, se não tivesse acompanhado o processo, recusaria acreditar. Mas já o disse, escrevo factos, e não imagino; a incredulidade não tem lugar....

Lourenço sentou-se ao lado de Luisa, passou-lhe a mão direita em volta da cinta, e na esquerda segurava um punhal.

Luisa, disse elle com revoltante despejo: vaes pertencer-me, como se a Igreja tivesse santificado essa posse pelo matrimonio. Ao primeiro grito que soltares, esquecerei que és formosa, e que estás em meu poder para enterrar-te este punhal no coração. Escolhe, ou o prazer d'alguns minutos repetidos, ou a morte em um segundo!

E sem esperar que a joven lhe respondesse... Uma hora depois Lourenço montava a cavallo, e conduzia, como o fizera á sahida da casa da Martha, a pobre Luisa desmaiada.... Ella não podia mais apresentar-se adornada da corôa de virgem com que sahira da casa de seu pai...

(Continúa.)

Descobrimto da America.

(Continuação n. do 3.)

Colombo, desembarcando em *Guanahani* ou *S. Salvador*, mandou reconhecer a terra e vio ser uma ilha á qual elles tinham chegado. As suas montanhas verdejantes, a sua soberba vegetação intertropical, emfim tudo n'essa ilha cauzou grande admiração a Colombo, e lhe fez ver a im-

mensa vantagem, nas incalculáveis consequências d'este descobrimento. Colombo fez então conhecimento com os Indigenas, e reparou que elles pela maior parte traziam uma especie de collar, feito com pedaços de ouro e prata.

Os Indigenas por meio de signaes, deram a entender a Colombo aonde havia com abundancia o metal que elles traziam como ornamento.

Colombo depois de se ter demorado algum tempo n'essa ilha, fez-se á vela de novo, e continuou a navegação seguindo o rumo do Sul.

Elle achou-se a principio involvido n'um labyrintho de pequenas ilhas, depois costeou a ilha de Cuba, que, pela extensão da costa, elle julgou ser continente; fez fundo n'essa ilha e mandou explorá-la, e com effeito, como o haviam dito os Indigenas de *Guanahani*, elle ahi achou consideravel quantidade de ouro, e outras preciosidades, teve boas relações com os Indigenas d'essa illa, os quaes fornecião-lhe os viveres necessarios. Depois Colombo, continuou a navegar no mesmo rumo, e foi arribar a Haiti ou S. Domingos, que Colombo designou com o nome de Hispaniola, e ahi como em todas as outras ilhas que elle havia percorrido, a mesma vegetação soberba, a grande fertilidade e riqueza do solo, attrahiram a attenção de Colombo, que d'ella retirou muitas riquezas.—A equipagem se tinha indisposto então com os Indigenas, mas a harmonia foi de novo restabelecida entre elles pela tactica, ou antes pela astucia de Colombo. Um dos trez navios da frota, *la Nina*, havia naufragado, Colombo, então retirou d'ella o que podia salvar, e servio-se da sua madeira para construir um forte, aonde deixou ficar uma parte da sua tripulação. Os Indigenas ignorando qual era o fim d'essa construcção, ajudarão a tripulação no seu trabalho, mas, ah! os desgraçados estavam bem longe de suppor que era aquelle o primeiro signal da triste escravidão que os a guardava!

Depois de se preparar com viveres necessarios para a viagem, partio Colombo para a Europa, no *Santa Maria* e no caminho, encontrou *la Pinta* que se tinha afastado do porto, e cujo commandante, Pizon, quiz mas em vão ser o primeiro a levar a noticia do descobrimento á Europa. Depois de alguns dias de viagem, rebentou uma furiosa tormenta, e toda a tripulação se julgou perdida; Colombo então escreveu á pressa em um pergaminho, os principaes detalhes da sua descoberta, afim de que não se perdesse nas ondas furiosas, e no fundo do abysmo, o fructo de seus trabalhos, poz esse pergaminho em um barril feixado com grande segurança e lancou-o ao mar, deixando a Deus o cuidado de o levar a terra conhecida, afim de conservar ao mundo tão grande beneficio.

Felizmente cessou a tempestada; Colombo continuou a derrota para a Europa, mas ventos

contrarios o obrigaram a arribar a Portugal, desembarcou em Lisboa, aonde foi se apresentar a D. João II, e fez-lhe conhecer então as immensas vantagens, as grandes riquezas, que tinha despresado, recusando-lhe os subsidios, que Colombo lhe pedira. De Lisboa, partio Colombo para a Hespanha aonde desembarcou, depois de sete mezes de ausencia, em Março de 1493, levando consigo muitas riquezas, e preciosidades, e alguns Indigenas. Foi recebido com festejos e grandes demonstrações de alegria, sendo levado em triumpho até á côrte, para expor a seus soberanos Fernando e Isabel, o fructo da sua actividade, o resultado da sua feliz expedição!

(Continua.)

J. A. S. Ribeiro Junior.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

O Milagra.

VI.

Ricardo, ajudado por mais alguns, conduziram com cuidado o corpo para cima e o puseram sobre a banca.

Ricardo tinha-se tornado fraco e sensivel a ponto tal que não dava ouvidos a seus companheiros.

Beijando o corpo continuamente e vertendo lagrimas, conservou-se junto a elle. José que estava abatido pelo golpe que recebera, mais abatido ficou ao vêr sem movimento o corpo de sua filha.

Assentou-se junto d'ella, deixou cair a cabeça entre as mãos, e devorando as lagrimas de dôr, escondia sua fraqueza aos olhos de seus companheiros.

O povo, esfomeado não se importava com nada, do que os outros soffriam.

A noite tinha findado, e a luz do sol já principiava a apparecer no cume dos altos montes.

A maior parte do que havia no subterraneo, tinha sido posta fóra da « Casa Solitaria, » e muitos já devoravam o bacalhau, ainda salgado e crú. A alegria os fazia fallar e davam vivas aos proprios companheiros que jaziam mortos.

Ricardo e José pareceram um instante sobresaltados; oh! estremeceu... não é verdade? sim meu filho, disse José admirado; será possivel que ainda esteja com vida? oh! talvez!... meu Deus, dai-lhe vida, oh! se ella me ouvisse, oh! Maria oh! anjo adorado, acorda desse somno da morte

abre esses bellos olhos, vê teu amor, aqui ajoelhado; junto a teu pai, e ambos inconçolaveis, vertendo lagrimas amargas; oh! ao menos torna a ti, para podermos dar graças a Deos por te ter achado ainda com vida!.. oh! mas, qual!.. o coração já não bate, não se sente o pulso; e o corpo está frio!... meu filho, meu amigo Ricardo, ide procurar um cirugião, ou um boticario, depressa; ainda me restam algumas esperanças. Sim amigo, tendes razão, eu corro a procurar um medico, se o houver em S. Antão; e sem mais demora sah io para fóra. José atou alguns lenços dos companheiros nas feridas de Maria.

O povo continuava a devorar os commestiveis que tinha encontrado nos volumes do subterraneo; assim que o viram, todos exclamaram alegres: viva o nosso salvador! Obrigado amigos vós vos entretendes saciando afome, e eu vou procurar um medico, porque Maria, ainda creio que está com vida.

Ora, qual!... isso é illusão vossa... não é, até estremeceu!.. pois deixa-lo, não acreditamos!... um corpo cravado de punhaladas e ha tanto tempo sem mover-se, pode ter vida!?. Embora vou procurar... e vos, não me ensinai, onde poderei encontrar algum? .. Coutinho o boticario, é bem entendido. Mas é tão longe.. oh Senhor Ricardo tem ali uma mula, é melhor para viagem. Tendes razão, amigos, e correndo foi desatar a alguns passos da casa um animal, fez da corda um cabresto á pressa e partio trotando, apezar de castigar com todas as forças o animal, cuja figura era horrenda. Oh... animal de sataná, move essas pernas!.. dizia elle desesperado.

Passados alguns minutos, o animal rodou e ficou estendido no chão.

Ricardo levantou-se e castigando-o, tornou a montar e seguiu, soltando pragas e ardendo em raiva.

Ao fim de meia hora, chegou a uma pequena rua da povoação, onde havia uma pequena casa, em cuja parede estava, com letras maiusculas, o nome do boticario.

Ricardo saltou, e perguntou por elle, estava na loginhia uma mulher que preparava um remedio.

O Sr. Coutinho está cá?

Está dormindo ainda. Pois vai acordal-o. Deos me acuda!... eu ir acordal-o!

Pois então! vai dizer-lhe que está aqui um homem que quer fallar com elle já e já... Mas, Senhor, eu sou mulher, não posso entrar no quarto de um homem!... ora agora tens vergonha heim?... pois, vai que salvas a vida de uma mulher!.. Ah! então vou!.. e levantando-se sahio.

Safa! que praga! é castigo, que demora terrivel e o corpo sem curativo!... Passados alguns instantes voltou a criada, dizendo; agora mesmo acaba de levantar-se, já vem...

Mas então, Senhor, é uma mulher que está em vespervas de parto? não sei!... quero que venha depressa!...

Um homem baixo, de semblante agradável appareceu; Oh! Senhor Coutinho, por quem sois, seguime, meu amigo: Então para onde vamos? oh! aqui está este animal para chegar-mos mais depressa!... mas onde é? Na Casa solitaria... Nada! não quero!... oh! é a filha do Sr. José dos Santos, que foi roubada e que está apunhalada.

Elle lá ficou rodeado de muito povo, que corréo a salva-la, e por isso não tendes nada a temer, vinde, eu vos defenderei de tudo!... pois bem, vamos, e, depois de ter-se monido do necessario pegou no sacco e montando ambos no animal partiram, fazendo-o trotar a custo.

Ao fim de tres quartos d' hora apeavam-se a porta da casa solitaria. Ricardo ia adiante e ao entrar soltou uma expressão de alegria. Maria estava com os olhos abertos!... Oh! viva! bemdito sejaes, meu Deus!....

O Boticario examinou-a com attenção, tirou do sacco todo o nescesario para o curativo, desatou os lenços, e sondou as feridas, e apesar dos gritos de dôr que a pobre moça, já exhausta de forças, ainda dava. Deu-lhe a beber tres colheres d'um licor vermelho. Applicou com cuidado pontos falsos em todas as feridas, e, depois de arranjarem uma cama com alguma roupa que havia em uma especie de armario, deitaram-a nella com cuidado e ficaram ao pé devorando lagrimas de afflicção.

Maria feixou os olhos e não continuou a gemer. Bem, disse o boticario encostando o ouvido ao peito, o coração, já se sente.

Agora deixai-me curar-vos. Oh amigo José, vós estais bem ferido! com effeito! que horrivel carnificina não haveria aqui!... como estão esses defuntos em barbaro estado!... oh! foi terrivel e é pena que eu não chegasse a conhecer o chefe infame desta quadrilha, disse Coutinho oh! pois não conhecias a Julião o contrabandista? esse tal que diziam que queria casar com Maria?...

Morto, e bem morto!.. quem o matou?!...

Nós, disse José com simplicidade! então qual é o corpo? está lá fora embaixo d'uma fogueira.

Coutinho sahio, e dahi a pouco voltou pronunciando estas palavras:

Oh meu Deos, não ha crime que se cometta sobre a terra que aqui mesmo não se pague!... até que ponto pode chegar o desespero do homem! oh! que barbaridade! desgraçado! quiz destruir uma familia; e destruiu-se a si, e a seus companheiros!.. apunhalou uma innocente creatura, e Deos, para castiga-lo, fez com que o queimassem!... Ah meus amigos, orai a Deos e dai-lhe os agradecimentos; porque é um milagre!... em tão deploravel estado e ainda viva... oh! sim

é um milagre, repetiram os tres, Deos livrou a victima innocente e punio os culpados!...

(*Continua.*)

Melancolia.

A' BELLA C....

Quizera escrever algumas letras para ti, que essas letras fossem todas repassadas d'alegria, e que juntas produzissem um som mui sympathico e agradável; mas a minha penna é tão caprichosa que a não posso forçar a escrever, senão aquillo que sinto em minha alma!...

Melancolia, é o som desafinado que vibra nas cordas da minha lyra, cujos echos repercutem em todas as fibras do meu coração.

Se alta noute desperto, em ti pensando, o murmurio das vagas que pela praia se deslisam, o sibilar da brisa fresca e serena, o canto do gallo, annunciando a aproximação de um bello dia que principia a raiar no horizonte, tudo isto produz em mim um magico encanto que me extasia.

Então, eu conciliando as minhas idéas, um tanto alteradas, deixo vagar meu pensamento por essas regiões encantadoras o qual mais veloz que o raio, vai se unir bem junto a teu coração, vai sentir-lhe as pulsações compassadas, vai receber o halito embalsamado que respiras!!!

Emquanto meu coração se extasia com tão lisongeiros pensamentos, grossas lagrimas me borbulham ante as palpebras, ainda pesadas pelos embates de Morpheu.

Que nome poderei dar a taes sentimentos?—Será amor? !—Talvez.

E como o amor é sempre acompanhado de melancolia, é por isso que em quanto minha alma se deleita com tão puros sentimentos, meus olhos vertem pranto de amargura!...

A' vista do que te exponho, não terás mais razão de me arguires da tristeza que respiram os versos que para ti escrevo.

Sim, porque só a melancolia impera em meu coração!

Queres pois ouvir o som da minha lyra?—Pobre lyra, tão mesquinha e desafinada! que sons poderá exprimir?!...

Com tudo se é isso de teu gosto, eu a vou vibrar, e te farei ouvir os sons ainda que monotonos, das unicas trez cordas que ella tem; se acaso e forem desagradaveis, desde já te peço que m'o

não digas: não queiras augmentar minha agonia, deixa-me antes viver com a minha illuzão!...

Ouve pois:

Da lyra o primeiro som
E' inspirado dos céus,
E' pomposo e mui sublime,
Pois esse som me diz—Deus!

O segundo encerra em si
Uma nação sem igual,
A minha patria querida,
Meu ditoso—Portugal.

O terceiro gera em mim
Um fogo devorador,
Exprime melancolia,
Gera em meu peito—Amor.

São estes os sons que exprimem
A lyra d'este mortal,
São tres sons a quem adoro:
Deus, amor e Portugal.

Aqui tens pois os sons que exprime a minha lyra desditosa.

O primeiro som é de meu dever consagral-o ao supremo autor da natureza; o segundo é de razão dedical-o á minha adorada patria, de quem na idade de dous lustros, me separei, e ha outros dous que estou auzente!.. E' o terceiro então consagrado ao amor, a esse ente sobre natural e incomprehensivel, a esse que fez ao teu, unir meu coração, desde o momento que pela vez primeira te avistei!....

Quizera ter mais um som para consagrar a tua linda patria, mas a minha lyra é tão mesquinha, que ao exprimir o som de amor, nas debeis cordas, e por mais que a dedilhasse não foi possivel tirar-lhe um só accorde!...

Rio, 22 de Julho de 1856.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

POESIAS.

E' Crível?

Hoje não, meiga denzella,
Não troquemos um olhar;
Este dia do deicidio
Não devemos profanar.

Muito embora os nossos olhos
 Expressem sempre candor,
 Nesse dia da Paixão
 E' profano o nosso amor.

Elle nos traz pensamentos
 De prazeres e ventura,
 Qando devemos sómente
 Nos engolpar em tristura

Hoje não, linda donzella,
 Não nos busquemos olhar,
 Vejamos se o nosso amor
 Não nos obriga a peccar.

Corramos ao santo templo,
 Lá oremos ao Senhor,
 Pensando nos seus martyrios,
 Sem pensar em nosso amor.

Se porém premeditados
 Nos guiarmos ao altar,
 Isto, donzella, valera
 Ao trocarmos um olhar.

Cabisbaixos, e sigamos,
 Só a Deos devemos ver ;
 E' neste dia preciso
 Nosso amor contra fazer.

Segui vós por entre as turmas
 Sem pessoa presentir :
 Que póde o acaso fazer
 Estar eu a vos seguir.

Entre as hordas dos profanos
 Nem vos ride de desdem,
 Póde — ser que então vos — veja.
 E me sorria tambem.

Mas como, terna donzella,
 Hoje não hei de peccar ?
 Qando penso, penso em vós,
 E não deixo de pensar !

José de Moraes Silva.

Pedro Quinto.

Pedro Quinto ! — é este nome,
 De novas eras signal,
 Desse torpor que o consome,
 Despertará Portugal,
 Pois que já altivo espera
 De novo rei a nova era,
 A' do bom Diniz igual....
 E terá um rei completo
 Se corresponder ao affecto
 D'um povo sempre leal !

Hoje ha uma só bandeira
 Que devemos saudar,
 A da patria, que, altaneira,
 Inda verei tremular,
 Essas lutas fratricidas
 Em que o ferro tantas vidas
 Sem gloria soube immolar
 Acabaram, que o rei novo
 Fará justiça a um povo
 Que tanto ao rei sabe amar.

Elle que vio aos do Tibre,
 Aos do Sena e de Turim,
 Mais digno de ser bem livre
 Nunca vio um povo assim,
 Nem lendo n'outras historias
 De lealdade memorias,
 Quaes d'um Egas, d'um Martim,
 Recompensando a virtude,
 Com ardor da juventude
 Aos abusos porá fim.

Novo *principe perfeito*, (1)
 Esse amor do povo seu
 Dar-lhe-ha força e respeito
 Como *ao grande rei* já deu. (2)
 Nem um mais seguro abono

(1) D. João II.

(2) o mesmo.

Para gloria de seu throno
 Algum monarcha escolheu,
 A não ser o que em Ourique
 Ao bravo filho d'Henrique (3)
 O proprio Deos concedeu !

Viva Pedro ! oh ! este brado,
 Tanto unisono echoou,
 No *moço rei desejado*,
 O joven rei saudou. (4)
 Em transportes d'alegria
 O povo bem presagia
 Que melhor tempo chegou,
 E nossas glorias d'outrora,
 Começam com essa aurora
 Que neste dia raiou.

Rio de Janeiro 16 de Setembro de 1855.

J. C. L.

A Julia.

Mal vi teus olhos
 Tão feiticeiros,
 Pretos tão lindos,
 E prazenteiros.

Olhar p'ra mim
 Mui docemente
 Quaes os d'um anjo
 Todo innocente.

Logo minh'alma
 Preza ficou ;
 Teu olhar terno
 Logo adorou.

Candida virgem,
 D'hoje em diante,
 Sempre em meus versos
 Serás constante.

(3) Affonso I.

(4) D. Sebastião.

Em minha lyra
 Te contarei,
 Teu doce nome
 Invocarei.

Eu te consagro
 Meu puro amor,
 Serás meu nume
 E eu teu cantor.

Rio de Janeiro 31 de Agosto de 1856.

Francisco Coelho Martins da Costa.

Saudades

OFFERECIDAS, EM RESPOSTA A POESIA QUE ME

DEDICOU O ILLM. SR.

FRANCISCO COELHO MARTINS DACOSTA.

Tua lyra recorda-me, amigo,
 Os folguêdos da terra natal
 Os folguêdos, tão doces, tão ternos,
 Que passei lá no meu Portugal !...

Esses dias dourados da vida
 Eu tambem lá passei mui ditosos,
 Esses prados cobertos de flores
 Qanto são para mim saudosos ! ! !

D'uma mãe extremosa as doçuras
 Eu tambem, n'esse tempo gozava !
 E mil beijos tão doces !... tão puros !...
 Com amor e ternura me dava !

Mas agora.... as saudades só sinto
 D'essa minha passada ventura,
 D'essa vida tão cheia de flores
 Só me resta a mais negra amargura !...

Essas flores tão lindas murcharam
 Aos dous lustros da vida innocente,
 Sobre espinhos agora caminho
 Só saudades me vagam na mente !

Ellas embora ! olvidemos amigo,
As venturas que já lá passaram !...
Caminhemos proscriptos agora,
P'r onde os altos decretos marcaram !...

Rio de Janeiro 10 de Setembro de 1856.

Diocleciano David Cesar Pinto.

A. M....

26 de fevereiro de 1856.

Ah !... se podesses ainda de teu peito,
Cansado de soffrer, de força exausto
Doce affecto invocar dos bellos dias
Da mocidade altiva ;

Rainha do festim, quebrado o sceptro,
Perdida a fé, as lagrimas cortaram
Do resto teu as palpebras divinas
Fontenal de amores ;

Curvaste a fronte a dominar fadada,
Gelido lucto circundou teu peito
Em que out'rorra borbulhou ardente
Insoffrido affecto !

Ah ! não deserêas, não ; nas seccas folhas
S'oculta a lympha que reanima o tronco
Em q'outras flores na estação estiva
Candidas renascem.

Podesse eu... mas não ; desta alma o lucto
Unir não devo a teu penar profundo ;
Alma que adoro, arrastar não quero
Por espinhoso trilhão

Quando longe de ti, vir de longe quero
Olhar teu corpo, encantador complexo,
O teu regio pisar e as niveas vestes
Que senhoril te cingem !

Alma saudosa d'um existir mais bello
Luminosa visão, meu canto escuta
Como em noite placida do estio
Desconhecido canto.

REINALDO CARLOS.

A justiça.

Justiça— termo sagrado,
Legado da Providencia,
Arrimo do homem honrado,
Bussola da consciencia.

Sem justiça nunca ouvida
Podéra ser a razão;
Fôra a verdade movida
Pelo bafo da trahição.

Fôra o brio nodoado
Do crime pela peçonha;
Não fôra o vicio odeado,
Repellido da vergonha.

Justiça ! brada a mulher,
Volvendo os olhos ao Céu,
Si abusando do poder
O crime prevaleceo.

Quer justiça o veterano,
Que á patria doou a vida,
Soldado,— porém ufano
Mostrando honrosa ferida.

Pede justiça o ancião
Vendo seos bens usurpados,
Com trabalho, de antemão,
Para os filhos preparados.

Justiça, implora a donzella
Contra a insidia da rival:
E tambem pede-a o mancebo
Despresado em caso igual.

Requer justiça a mãe chara,
A quem o filho roubaram;
Sem pão a patria a deixara,
Risonho o sacrificaram.

Em quanto o crime,— covarde,
Espera a noite homicida,
A Justiça cedo ou tarde
Pune-o nesta ou n'outra vida.

Em quanto aqueça a trahição
A lamina do punhal,
Da justiça a herculea mão
Embota ó ferro mortal.

Si o suicida prepara
Do averno a chave malina,
A Justiça diz-lhe: Pára,
Olha á Justiça Divina !

A Justiça não se rende,
Nem premio ou louvor merece:
Não fallo da que se vende,
Mas da que Deos obedece.

JOSE' DE MORAES SILVA.